



Quem conduz a narração é o ouvido: mobilizações da História Oral na Educação Matemática

Who leads the narration is the ear: mobilizations of Oral History in Mathematics Education

Maria Ednéia Martins Salandim¹

Karina Aparecida da Silva²

RESUMO

Neste artigo tematizaremos experiências, desafios e potencialidades na realização, edição e análise de entrevistas produzidas com base na metodologia da História Oral. Inseridas nas discussões quanto à mobilização dessa metodologia de pesquisa na Educação Matemática, particularmente aquelas realizadas junto ao Grupo História Oral e Educação Matemática (GHOEM), as autoras se envolveram na realização e análise de mais de 40 entrevistas para suas pesquisas que tematizaram a formação e atuação de professores que ensinam ou ensinaram Matemática no Brasil. Expõe-se aqui a importância do ouvir desde a escolha dos entrevistados até a análise das e a partir das narrativas resultantes das entrevistas. É preciso saber perguntar sobre o que se deseja conhecer e problematizar com a entrevista, mas é preciso que sejamos conduzidos por ouvidos atentos no sentido de não ouvirmos apenas aquilo que desejamos ou somente sobre o que perguntamos.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Matemática, Roteiro de entrevistas, Entrevistas, Narrativas, Análise de narrativas.

ABSTRACT

In this paper, we will discuss the experiences, challenges and potentialities in the accomplishment, edition and analysis of interviews produced based on Oral History methodology. Inserted in the discussions about the mobilization of this research methodology in Mathematics Education, particularly those carried out with the Group Oral History and Mathematical Education (GHOEM), the authors were involved in the accomplishment and

¹ Professora do Departamento de Matemática e do Programa de Pós-Graduação em Educação para a Ciência da Faculdade de Ciência, UNESP - campus Bauru - SP. maria.edneia@unesp.br

² Programa de Pós-Graduação em Educação para a Ciência da Faculdade de Ciência, UNESP - campus Bauru - SP. karynasilva12.ks@gmail.com

analysis of more than 40 interviews for their research that thematized the formation and performance of teachers who taught or taught mathematics in Brazil. Here we present the importance of listening from the choice of the interviewees to the analysis of and from the narratives resulting from the interviews. It is necessary to be able to ask about what one wants to know and to problematize with the interview, but we must be guided by attentive ears in the sense of not only hearing what is desired.

KEYWORDS: Mathematical Education, Interview script, Interviews, Narratives, Narrative analysis.

Introdução

A utilização de entrevistas para produção de dados para pesquisas de abordagem qualitativa é bastante usual, incluindo nesse cenário as pesquisas do campo da Educação Matemática. Mas foi a partir do final dos anos 1990 e começo dos anos 2000 que o referencial metodológico da História Oral passou a ser utilizado e problematizado como potencial para a pesquisa em Educação Matemática, culminando com a criação do Grupo de Pesquisa História Oral e Educação Matemática, GHOEM. Com a criação desse grupo e ao longo de quase 20 anos, a mobilização e debate sobre essa metodologia tem se dado em trajetória. Assim, procedimentos e problematizações sobre a História Oral têm sido retomados, replicados, mas, de modo geral, temos testado limitações e potencialidades desse referencial.

A História Oral na Educação Matemática brasileira, de modo geral, tem sido mobilizada para constituir narrativas em situações de entrevistas. Ela compõe a metodologia da pesquisa, o modo como enfrentamos nossas questões e envolve uma constante retroalimentação entre um conjunto de procedimentos e uma fundamentação teórica. Na História Oral que vimos praticando podemos identificar alguns procedimentos como a seleção e o contato com possíveis entrevistados, a elaboração de um roteiro ou fichas para entrevistas, a gravação do áudio ou filmagem das entrevistas, transcrição e textualização das entrevistas, revisões e negociações quanto aos textos resultantes e para assinatura de uma carta de cessão de direitos pelos entrevistados, para, então, propor, efetivar e divulgar análises das e a partir das narrativas produzidas. No entanto, os enfrentamentos e os modos de mobilizar a História Oral na Educação Matemática têm sido diversos, influenciados tanto pelas diferentes temáticas e questões de pesquisa quanto pelos referenciais teóricos e o perfil dos entrevistados.

Neste artigo temos como objetivo problematizar modos de praticar a História Oral a partir de nossas experiências, as quais tanto se deram no fluxo da discussão da metodologia de pesquisa em trajetória no GHOEM quanto em modos de sensibilização para a temática da pesquisa propiciado por essa atenção à metodologia. Ao fim e ao cabo, esse artigo é um pensar sobre a relação de orientação na pesquisa acadêmica, sobre encontros, sobre sensibilidades

nesse processo de iniciar-se na pesquisa e na orientação da pesquisa em Educação Matemática: Vicente Garnica, líder do GHOEM, orientou Maria Edneia desde a iniciação científica, quando o GHOEM estava sendo criado, até seu doutorado; Maria Ednéia orientou Karina, a qual se aproximou da Educação Matemática e da História Oral quando ingressou no mestrado, trazendo experiências da iniciação científica na área da Matemática Pura, quando estudou rotações tridimensionais via números *quatérnions*. Desses encontros e sensibilidades desenvolvidas é que vimos praticando a História Oral em Educação Matemática.

Elaboramos esse artigo na esteira dessas discussões e práticas de pesquisa com a História Oral e a partir de duas publicações e debates no Seminário Temático de História Oral e Educação Matemática dentro do XIII e XIV Encontro Nacional de História Oral que ocorreram em 2015 e em 2018, respectivamente. Naqueles artigos foram propostas duas problematizações: uma releitura da primeira entrevista realizada por Maria Ednéia para sua pesquisa de iniciação científica (MARTINS, 2003), após ter realizado, editado e analisado 39 entrevistas (MARTINS-SALANDIM, 2016) e expectativas e desafios durante a realização de quatro entrevistas para a pesquisa de mestrado de Karina (SILVA, 2019), enquanto a pesquisa se desenvolvia (SILVA, 2018). Em ambos os artigos, destacaram-se esse atentar-se e colocar em cena o ouvir em pesquisa mobilizando a História Oral. Como nos ensinou Portelli (2016, p.12), a história oral

é uma arte da escuta, uma arte baseada em um conjunto de relações:

1. A relação entre entrevistados e entrevistadores (diálogo);
2. A relação entre o tempo em que o diálogo acontece e o tempo histórico discutido na entrevista (memória);
3. A relação entre a esfera pública e a privada, entre autobiografia e história – entre, digamos, a História e as histórias;
4. A relação entre a oralidade da fonte e a escrita do historiador.

Expõe-se aqui, portanto, a importância do ouvir desde a escolha dos entrevistados até a análise das e a partir das narrativas resultantes das entrevistas. Enfatizaremos aqui a preparação e o momento da gravação das entrevistas, as edições (transcrição e textualização) da entrevista e análises das narrativas resultantes das entrevistas. É preciso saber perguntar sobre o que se deseja conhecer e problematizar com a entrevista, mas é preciso que sejamos conduzidos por ouvidos atentos no sentido de não ouvirmos apenas aquilo desejamos ou somente sobre o que perguntamos.

Gravando...

A mobilização da História Oral em pesquisas exige planejamento e reflexões que se iniciam muito antes do momento da gravação da entrevista, ainda que esse seja o de maior expectativa. Em nossas experiências, definidos os temas de pesquisa, pensamos em perfis de possíveis entrevistados e iniciamos buscas por nomes e contatos. Nesses contatos esclarecemos nossos interesses com a entrevista e com a pesquisa, assim como as etapas desde a gravação até as conferências dos materiais por parte do entrevistado e a assinatura de carta de cessão de direitos sobre a gravação e a textualização, com ou sem restrições de uso. Também definimos com os entrevistados as datas, locais, duração e condições de cada entrevista, sempre levando em consideração suas possibilidades.

No entanto, os modos de agir em cada um desses procedimentos são influenciados por nossas inquietações relativas à metodologia, nossas questões de pesquisa e por quem são nossos entrevistados. Assim, a preparação para a entrevista tem sido realizada com muita atenção e, de modo geral, tem demandado a elaboração de roteiros, fichas e levantamento ou produção de materiais que tanto servem de orientação do entrevistador para o momento da gravação quanto como disparador de memórias para aquele que narra. Os entrevistados têm pleno acesso a esses materiais antes, durante ou após a gravação e essa preparação está muito relacionada com a temática da pesquisa e com o perfil do depoente. São exemplos interessantes de adaptações e reorganizações desses materiais e processo de acordo com o entrevistado, como as que Murbach (2017) fez para entrevistar crianças, as de Rosa (2017) para entrevistar pessoas com limitações visuais e as de Silveira (2018) para entrevistar surdos. Mais particularmente, destacamos problematizações que Silva (2018) e Silva (2019) fazem em relação à elaboração das questões do roteiro de entrevista e o momento da gravação.

“Quem comanda a narração não é a voz: é o ouvido. /.../ Eu falo, eu falo, mas quem me ouve retém somente as palavras que deseja” já nos alertava Marco Polo no livro *As cidades invisíveis*, de Ítalo Calvino (CALVINO, 1990, p. 123). “Com poucas exceções, não se vê, não se ouve bem a não ser o que se esperava de fato perceber”, dizia Marc Bloch (2001, p. 104) acerca da condição momentânea do observador. Essas leituras nos auxiliaram a problematizar tanto a preparação e condução das entrevistas quanto como temos ouvido o outro nos momentos da gravação, da transcrição, da textualização e das análises.

Atentas às inquietações e expectativas em relação aos momentos de gravação das entrevistas – o lembrar-se das questões do roteiro e modos de condução – voltamos nossa atenção à elaboração do roteiro e às suas potencialidades, o que nos remeteu a uma sensibilização à importância de saber ouvir as questões do roteiro, saber ouvir durante a gravação e saber ouvir as entrevistas e a partir delas.

A elaboração de um primeiro roteiro se deu revisitando vários trabalhos do Ghoem que se valeram da História Oral e que tematizavam a Formação de Professores – já que a temática de Silva (2019) era a constituição dos primeiros cursos de formação de professores indígenas no Estado de São Paulo - além de ter buscado também em outros referenciais da História Oral fundamentação para conduzir as entrevistas: como se portar, abordar as questões e como não induzir os entrevistados. A partir dessa primeira versão do roteiro passamos a discutir sobre a necessidade e potencialidades de cada questão, exercício que possibilitou à mestrandia se apropriar de seu roteiro e perceber que uma mesma questão, como por exemplo, sobre a formação básica, universitária e pós-universitária, teria objetivos diferentes dependendo do perfil de cada um dos entrevistados. Assim, os roteiros foram sendo lapidados antes e entre cada entrevista, sempre considerando quem seria entrevistado e o sentido daquela questão para aquela entrevista³. Silva (2018) destaca que, mesmo que soubesse sobre o roteiro e de sua importância no encaminhamento no momento das entrevistas, só percebeu sua complexidade ao debruçar-se sobre ele, ao problematizar cada questão relativa a cada entrevistado e pensar em roteiros diferentes de acordo com o que se buscava compreender junto com cada um dos entrevistados, incluindo novas questões a partir das entrevistas já realizadas. Foi assim que percebeu que essa problematização dos roteiros, tanto tornava-os mais adequados a cada entrevista e à questão de pesquisa, quanto a ajudava em sua organização para o momento da gravação que tanto a angustiava. Além disso, passa a compreender a importância dos ouvidos a nos guiarem durante todo o processo de pesquisa.

A reflexão de que o saber fazer a pergunta implicava saber ouvir, também fora evidenciada por Martins-Salandim (2016) ao fazer uma releitura da primeira entrevista que realizou, disponível em Martins (2003), e talvez por isso tenha proposto esse exercício à sua orientanda. Para ela, ainda que o roteiro tivesse sido elaborado com cuidado e envolvesse

³ Matucheski (2016) discute como reflete sobre seus roteiros e entrevista, entre as várias gravações que realizou sequencialmente.

questões que dispararam narrativas muito interessantes, abrindo novas temáticas para suas futuras pesquisas, na releitura que realizou, Martins-Salandim (2016) percebe e problematiza suas dificuldades em ouvir, durante a gravação da entrevista, como o professor entrevistado narrava suas experiências sobre uma escola rural. Como ele tematizava questões como acesso ao prédio da escola e sua permanência na zona rural para poder lecionar, além de caracterizar a comunidade, os alunos, legislações etc., a entrevistadora voltava a perguntar sobre como era a escola, uma vez que queria ouvir sobre uma escola que idealizava – seu prédio, as aulas, os materiais -, não ouvindo, naquele momento, sobre o lugar da escola, o que a constitui, para além da sua função e papel social. Foi na releitura dessa entrevista que ela ouviu o que é uma escola, elogia essa escola rural no sentido de Larrosa (2017) - elogio como um mostrar o que é, um fazer existir. Sua releitura também dá a ver potencialidades de uma narrativa para além da motivação para a qual foi produzida.

Essas reflexões sobre os roteiros, no entanto, tiveram outras implicações para os momentos de gravações. Enquanto nas primeiras gravações, Martins (2003) preocupava-se com o gravador de fitas cassetes – duração das pilhas, o espaço de cada lado da fita – Silva (2018, 2019), que usou o celular para captar o áudio - com boa memória e duração de bateria -, volta suas preocupações para a condução das entrevistas. Uma compreensão do que é uma entrevista de História Oral se enquanto as realiza, ultrapassando o lido, o que ouviu durante as sessões de orientação e nas atividades do grupo de pesquisa. Ela narra suas decepções e frustrações ao longo das quatro gravações de entrevista que realizou, visto que uma posição de poucas interrupções em uma delas, implicando uma posição mais de interação em outra, não necessariamente indicava melhor performance como entrevistadora. Por outro lado, sua atenção a esses detalhes foi fundamental para ir percebendo a necessidade de compreender o ritmo de cada entrevista, o fluxo da narrativa de cada entrevistado, suas escolhas e detalhamento do que julgavam importante naquela entrevista, as lágrimas, risos e emoções compartilhados.

Fomos percebendo que uma postura mais aberta, mais dialogada na entrevista, vai se estabelecendo conforme vamos tendo mais experiências em realizar entrevistas. Fomos percebendo que o momento da entrevista é único, e que nossas preocupações iniciais, sobre se lembraríamos das nossas questões no momento da gravação, vão se amenizando quando tencionamos mais o roteiro. Por outro lado, a realização das entrevistas, e as experiências com elas, vão nos levando a perceber esse momento como um momento de muita sensibilidade, de cumplicidade, de escuta, muito mais de que o momento da pergunta certa. O modo de perguntar vai surgindo conforme o ouvido se coloca em escuta em cada uma das entrevistas, em suas singularidades. Assim, o debruçar-se sobre o que o roteiro pergunta, e perguntar-se sobre ele, foi essencial, não só para fazer as perguntas na entrevista, mas para preparar, sensibilizar a escuta, durante todo o processo da pesquisa. (SILVA, 2019, p. 57-58).

Essas sensibilidades compartilhadas por orientanda e orientadora a partir de suas experiências as acompanharam nas discussões quanto às edições das entrevistas, momentos nos quais as potencialidades das narrativas para a pesquisa se afloram.

Editando...

Os recursos para gravação e transcrição vão variando e isso é visível nas atividades das pesquisas aqui tematizadas. A orientadora já tinha usado gravadores de fitas cassetes, gravadores digitais e celulares para gravação das entrevistas, cuja transcrições se deram ouvindo repetidas vezes as fitas usando as teclas avançar e retroceder do próprio gravador (MARTINS, 2003), quanto usando a ferramenta *transcriber*, também utilizada por Silva (2019). Ainda que usando essas ferramentas para transcrição, esse é um processo demorado. Foram eliminados ou reduzidos vícios de linguagem, marcados outros sons captados pelo áudio, interrupções durante a gravação etc.

O modo de transcrever e a elaboração das textualizações – textos que serão incluídos nos relatórios finais das pesquisas e divulgados – parece ter sido menos polêmico nesse processo. Vale ressaltar que a atenção dada na preparação e realização das entrevistas foi fundamental para encontramos uma estrutura e forma das textualizações. Eles foram elaborados a partir da percepção que fomos tendo quando do momento da transcrição. Tanto realizamos uma reorganização temática ou cronológica, eliminação ou não das perguntas do entrevistador e inclusão de muitas notas de rodapé. Com essas notas tanto visamos complementar ou esclarecer informações presentes nas narrativas, e, no caso de Silva (2019), impulsionaram reflexões e possibilidades para as análises. Já Martins-Salandim (2016), ao fazer uma releitura da entrevista, voltou ao áudio e à transcrição para perceber outros elementos na narrativa, após 12 anos da gravação.

Nossos depoentes assinaram cartas de cessão de direito sobre a gravação e textualização das entrevistas, após terem recebido esses materiais para revisão. A maioria dos depoentes fez pequenas revisões, sendo que em alguns casos excluíram/incluíram trechos na textualização e complementaram dados/informações conforme nossas solicitações, mas, houve casos de quase desistência da cessão dos direitos, recuos e questionamentos sobre os usos das entrevistas. Silva (2019) destaca que um de seus entrevistados, ainda que inicialmente tenha tido dúvidas sobre conceder a entrevista, após os esclarecimentos quanto todo o processo pelo

qual a entrevista passaria, decidiu participar. Por outro lado, outra entrevistada que se mostrou muito interessada em colaborar com o trabalho, depois que concedeu a entrevista com duração de cerca de quatro horas, decidiu, inicialmente, não assinar a carta de cessão sobre textualização, até que tivesse clareza sobre a elaboração desse texto. Após vários outros esclarecimentos e contatos, a entrevistada entendeu a importância do processo de uma entrevista de História Oral e nos concedeu a carta, fazendo pequenos ajustes na redação.

Analizando narrativas...

A estruturação e a forma das análises das narrativas resultantes das entrevistas de História Oral, em nossas experiências, deram-se a partir de nossas sensibilizações quanto às nossas questões de pesquisa a partir do que nos foi narrado. Nesse sentido, não tínhamos referencial analítico *a priori*. Nossas sessões de orientação nesse momento do processo de pesquisa foram mais delicadas. A orientadora já havia realizado análise de modos diferentes a partir de narrativas, outras pesquisas no Grupo também apresentavam diferentes propostas e formas de análise, mas as narrativas e as questões de pesquisa são tão singulares que não pensamos em replicar essas experiências, mas tomá-las como inspiração.

Em Martins (2003) destaca-se que as análises e configurações do texto analítico se deram após leituras das textualizações com apontamentos de tendências por convergências ou divergências (processo iniciado quando das gravações, transcrições e textualizações) - não para comparar as narrativas, mas para apreender o cenário multifacetado por elas constituído. Assim, 10 tendências⁴ foram levantadas, muitas refletindo temas/questões dos roteiros das entrevistas e outras emergindo das narrativas. Na pesquisa de mestrado, Martins-Salandim (2007), inicialmente partiu de algumas tendências, mas, por fim, tomou uma delas (a marginalização⁵) como um eixo condutor das análises: outras tendências levantadas foram tematizadas a partir do conceito de marginalidade, que surgiu com as narrativas e que não estava no roteiro das

⁴ Elementos convergentes – comuns a vários depoimentos – ou divergentes.

⁵ Martins-Salandim (2007) apresenta uma importante discussão acerca do caráter dinâmico do conceito de marginalidade. A autora destaca que a marginalidade é transitória, uma vez que esta é manifestada em perspectivas relativas, ou seja, a posição social das pessoas nesta condição é alterada de acordo com as profissões que desempenham, os locais ou épocas em que vivem, e principalmente, pelos aspectos escolhidos de quem os julgam. Assim, a marginalidade não é estática: algo pode ser percebido como marginal sob alguns parâmetros e não o ser segundo outros. A marginalidade, portanto, está nos olhos de quem estabelece quem é ou não marginal sob os aspectos que impõe como princípios para julgar – ou estudar – os processos de marginalização e seus resultados.

entrevistas. Já em Martins-Salandim (2012), a partir de intenções iniciais de produzir uma análise contando com oito potenciais tendências, foi proposta uma análise por singularidades, a qual ressignificou as tendências iniciais, sendo que da análise por convergências foram produzidos dois textos. Na análise por singularidades cada uma das narrativas foi analisada individualmente, buscando detectar tanto suas peculiaridades quanto as informações que cada uma delas nos dava sobre o tema que nos propusemos compreender quanto o modo como eram narradas.

.../ percebemos e evidenciamos que algumas narrativas foram estruturadas a partir do desenvolvimento profissional e/ou da carreira do entrevistado; outras em relação ao desenvolvimento do próprio curso e do modo como este curso vai adquirindo importância para a comunidade local ou dos matemáticos; outras pautam-se no desenvolvimento estrutural das instituições e dos cursos; outras ainda em relação ao modo como o depoente se percebia como estudante daquele curso e como professor, recém formado, já em atuação no curso ou no ensino secundário; outras têm como eixo as circunstâncias pessoais, o modo como os entrevistados vão sendo envolvidos em diferentes situações tidas como determinantes sobre sua trajetória profissional; outras por aspectos mais ligados à sua condição social (MARTINS-SALANDIM, 2012, p. 55).

Esse olhar atento ao fluxo da narrativa, às escolhas do entrevistado, suas singularidades, e, a partir daí, estruturar o texto analítico, fomentou a releitura que Martins-Salandim (2016) faz, 13 anos depois, da primeira entrevista que produziu para sua pesquisa de iniciação científica. A intenção foi focar as experiências narradas e o modo como a narrativa foi estruturada: o que mais podíamos ouvir daquela narrativa, sem ter um tema de pesquisa específico sobre o qual se quer tecer compreensões.

Essas propostas de análise também sensibilizaram a orientanda, mas o modo de estruturá-la foi diferente, uma vez que uma atenção a cada uma das entrevistas já se dera ao longo do processo. Assim, a análise foi estruturada em dois textos que problematizam elementos dos bastidores da criação dos primeiros cursos de formação de professores indígenas no estado de São Paulo: a estruturação dos cursos e alguns pontos que optamos tensionar. Retomando uma das questões do roteiro de entrevistas, Silva (2019) destaca que a inclusão de questões relacionadas a formações e experiências profissionais dos entrevistados, justificava-se porque pretendíamos conhecer cada um deles e entender como se apresentariam para nós, mas que no momento da análise isso nos auxiliou na composição de um cenário de relações de forças que as suas narrativas disparam. Nessa proposta de análise, as temáticas foram disparadas pelas narrativas.

Considerações finais

Trouxemos para este artigo algumas reflexões sobre sensibilizações na pesquisa e atenção à uma metodologia de pesquisa potencializando a temática e questão da investigação. Acreditamos que em uma proposta de metodologia de pesquisa em trajetória é necessário que os leitores tomem conhecimento de confissões, não só do pesquisador, mas também da relação de orientação, com seus sucessos e embates. A proposição da metodologia da pesquisa foi se dando com atenção e respeito, foi sendo percebida ao longo do processo da pesquisa e não como uma imposição de um grupo de pesquisa, fomos construindo a metodologia a partir de diferentes diálogos – com o Grupo, com referenciais e ouvindo o que perguntávamos com nossa questão de pesquisa. Construimos nossa metodologia de pesquisa, nossa própria faca-motosserra⁶, tensionando a História Oral em nossa trajetória.

Referências

LARROSA, J. (Org.). **Elogio da escola**. Tradução Fernando Coelho. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

MARTINS-SALANDIM, M. E. Entrevistas de História Oral: releituras. **Anais eletrônicos do XIII Encontro Nacional de História Oral**, 2016. ISSN: 2316-5219. Disponível em: <https://www.encontro2016.historiaoral.org.br/resources/anais/13/1461855878_arquivo_artigo_Entrevistas-de_Historia_Oral_final.pdf>. Acesso em 25 mai. 2019.

MARTINS-SALANDIM, M. E. **A interiorização dos cursos de Matemática no Estado de São Paulo: um exame da década de 1960**. 387. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2012.

MARTINS-SALANDIM, M. E. **Escolas Técnicas Agrícolas e Educação Matemática: história, práticas e Marginalidade**. 2007. 265f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2007.

⁶ Alusão às provocações do professor Wagner Valente durante XXI Encontro Brasileiro de Estudantes de Pós-Graduação em Educação Matemática (EBRAPEM) que ocorreu em novembro de 2017, em Pelotas/RS, sobre escolhas metodológicas, alertando, metaforicamente, sobre os casos em que uma motosserra é mobilizada só porque o orientador e/ou grupo de pesquisa utilizam-na, quando apenas uma faca poderia ser usada para realizar o mesmo trabalhos. Uma discussão mais ampliada a partir dessas provocações pode ser vista em Silva (2019).

MARTINS, M. E. **Resgate histórico da formação e atuação de professores de escolas rurais da região de Bauru (SP)**. 2003. 260 f. Relatório (Iniciação Científica). Fapesp/Departamento de Matemática, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2003.

MATUCHESKI, S. **Diferenciação e padronização: um estudo sobre o Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná**. Tese (Doutorado em Educação Matemática). Instituto de Geociências e Ciências Exatas (IGCE). UNESP, Rio Claro, 2016.

MURBACH, M. C. G. **Histórias Infantis e Alfabetização Matemática**. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências e em Matemática). Curitiba, Paraná: Setor de Ciências Exatas, Universidade Federal do Paraná, 2017.

PORTELLI, A. **História Oral como arte da escuta**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

ROSA, F. M. C. da. **Histórias de Vida de alunos com deficiência visual e de suas mães: um estudo em Educação Matemática Inclusiva**. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2017.

SILVA, K. A. da. **Primeiros Cursos para Formação de Professores Indígenas no estado de São Paulo: um estudo em História da Educação Matemática**. Dissertação (Mestrado em Educação para a Ciência) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências, Bauru, 2019. 260 p.

SILVA, K. A. da. **Lágrimas e Risos: expectativas e desafios da entrevista de História Oral**. Anais eletrônicos do XIV Encontro Nacional de História Oral, 2018 ISSN: 2316-5219. Disponível em: http://www.encontro2018.historiaoral.org.br/resources/anais/8/1524567509_ARQUIVO_artigo_HO_2018.pdf. Acesso em 25 mai. 2019.

SILVEIRA, D. D. **O que os surdos contam sobre a matemática nas suas trajetórias escolares: a produção de fontes em libras a partir da história oral**. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática). Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.

Submetido em Junho de 2019

Aprovado em Setembro de 2019